

EXISTEM DIFERENÇAS NA PERCEPÇÃO DO FUNCIONAMENTO CONJUGAL E AJUSTAMENTO MÚTUO POR CÔNJUGES ANGOLANOS E PORTUGUESES?

Exist Differences in Perception of Functioning and Marital Adjustment Loan for Spouses Angolan and Portuguese?

Dulcinéia Dungula de Carvalho Januário, ddunguladecarvalho@yahoo.com.br
Instituto Superior Politécnico Tundavala
Lubango-Angola

Resumo

Com o objectivo de avaliar a influência do contexto sociocultural e do grupo étnico no funcionamento conjugal e ajustamento mútuo, trezentos cônjuges, dos quais 150 são angolanos e 150 portugueses, responderam ao protocolo composto pela ficha dos Dados Sociodemográficos e de Dados Complementares, Escala de Ajustamento Mútuo (EAM, Lourenço e Relvas, 2003) e Escala de Enriquecimento e Desenvolvimento Conjugal, Comunicação e Felicidade (ENRICH, Lourenço e Relvas, 2003). Depois de realizadas as análises estatísticas, os dados apontam para a existência de uma relação forte entre o grupo étnico a que os cônjuges pertencem e várias dimensões da conjugalidade. Dentre as variáveis sociodemográficas e conjugais seleccionadas as que mais predizem a sua influência sobre os factores da conjugalidade são as habilitações literárias e o número de relações anteriores, respectivamente.

Sendo este um estudo exploratório quanto às diferenças conjugais entre duas realidades tão distintas esperamos, com esta investigação, desencadear novas pesquisas na área da conjugalidade em Angola, no sentido de perspectivar as diferenças socioculturais como factor positivo e/ou negativo importantes para a compreensão da conjugalidade.

Palavras-chave: conjugalidade, ajustamento mútuo, funcionamento do casal, contexto sociocultural, Portugal e Angola.

Abstract

In order to evaluate the influence of sociocultural and ethnic group in marital functioning and mutual adjustment, three hundred spouses, 150 of whom are Angolans and Portuguese 150, responded to the protocol made by the plug of the demographics and Supplementary Data, Scale Adjustment Loan (EAM, Lourenço and Relvas, 2003) and Scale of Marriage Enrichment and Development, Communication and Happiness (ENRICH, Lourenço and Relvas, 2003). After completing the statistical analyzes, the data indicate the existence of a strong relationship between the ethnic group to which the spouses belong and the factors of marriage. Among the sociodemographic variables and selected those that most marital predict their influence on the marital relationship factors are: the qualifications and number of previous relationships, respectively.

This being an exploratory study about the differences between marital realities as two distinct hopes, with this investigation trigger new research in conjugal in Angola, in order to foresee the social and cultural differences as a positive factor and/or negative importance for understanding marital.

Keywords: marital, mutual adjustment, the couple's functioning, socio-cultural context, Portugal and Angola.



Introdução

A experiência da conjugalidade, como afirmam alguns teóricos, tem funções protectoras para a saúde, bem-estar e contribui para a auto-estima e autoconfiança dos cônjuges (Pacheco, 2008). Por estas razões, a satisfação conjugal como área da conjugalidade tem sido muito estudada, pois parece ser fonte de bem-estar (Narciso & Ribeiro, 2009).

O casal é definido por Caillé (2001) como uma construção autónoma, uma invenção original de dois. A união de facto surge na década de 70 como uma forma alternativa de conceber o casamento, que privilegia os laços emocionais. Porém, esta forma de vida conjugal moderna, segundo Carter e McGoldrick (1995), impõe alguma prudência, alertando para o facto de muitos cônjuges que viviam juntos, ao assumirem um contrato legal, experimentam mudanças na qualidade do relacionamento. Estas mudanças poderiam ser explicada pela associação entre as responsabilidades dos papéis de marido e mulher e a passagem definitiva da juventude para a idade adulta.

Se considerarmos o conceito de etnia proposto por McGoldrick (1982) como sendo um sentimento de *commonality* transmitido ao longo das gerações, pela família e reforçado pela comunidade envolvente, este conceito vai mais além do que o conceito de raça, religião ou origem nacional e geográfica, pois envolve processos conscientes e inconscientes que preenchem uma profunda necessidade psicológica de identidade e continuidade histórica. Nesta mesma linha, a autora salienta ainda que a etnia pode ser descrita como a *condição de povo* de um grupo, baseada numa combinação de raça, religião e história cultural, independentemente de os membros perceberem aquilo que têm em comum uns com os outros.

Vários modelos têm sido propostos para explicar os factores que contribuem para a satisfação e insatisfação conjugal.

Narciso e Ribeiro (2009) apresentam três grupos de factores importantes que influenciam a satisfação conjugal: **factores centrípetos, factores centrífugos e o factor tempo ou percurso de vida conjugal.**

Os factores centrípetos são todos aqueles gerados mais directamente pela relação conjugal, bem como aqueles originados por ela, reflectindo a qualidade conjugal.

Ao considerarmos os factores culturais como relevantes para a qualidade da relação conjugal, devemos destacar o conjunto de elementos que gravitam em torno do conceito de casamento como, por exemplo, o papel da educação, os rituais de passagem, factores *stressores*, entre outros.

Silva e Carvalho (2009) destacam que é o **papel da educação cultural** de cada grupo étnico que desempenha um impacto significativo na organização e definição dos papéis sociais.

Na perspectiva de Silva e Carvalho (2009), Angola, como comunidade oriunda dos *bantu*, apresenta especificidades na definição do valor atribuído ao género, que consequentemente terá uma grande influência na estruturação das famílias e dos casais.

Uma das características da Educação Tradicional Africana (ETA) assenta na discriminação do género, que promove a preparação dos jovens para papéis sexuais diferenciados, sendo um princípio contestado à luz da igualdade de direitos, mas que deve ser compreendido pelo seu potencial educativo no que se refere ao resgate e manutenção dos valores que conferem a identidade dos angolanos enquanto *bantu*.

Outro factor que influencia a satisfação conjugal segundo Carter e McGoldrick (1995) é a pobreza, que representa um dos *stressores externos* uma vez que esta tende a alterar os padrões de natalidade, as

etapas do ciclo vital das famílias e consequentemente dos casais, aumentando desta forma a fonte de *stress* externa e interna à família e ao casal.

Do ponto de vista económico Angola e Portugal encontram-se submetidos a condições sociais e culturais distintas. Angola é um país em potencial desenvolvimento que entrou há uma década, aproximadamente, para o período pós-guerra, de reconstrução e com um índice de pobreza alto, enquanto Portugal é um país desenvolvido a viver profundas dificuldades sociais e económicas. Ambos debatem-se com problemáticas, temáticas e contextos contrastantes. Porém, os objectivos que cada cônjuge anseia, na sua relação de intimidade, independentemente do seu contexto, poderão traduzir-se na procura de melhores formas de obter o máximo de felicidade e de bem-estar.

As **rotinas familiares** surgem nesta abordagem sobre a conjugalidade e a cultura como um elemento de fundo, capaz de explicar a forma como a negociação dos papéis implícitos e explícitos são estruturados dentro da relação. As rotinas podem ser definidas como um padrão repetível e previsível que caracteriza a interacção quotidiana dentro de um sistema (Boyce, Jesen, James, & Peacock, 1983, como citado por Churchil & Stoneman, 2004). Minuchin (1997, como citado por Relvas, 1996) explica que a transição do indivíduo para o casal é feita através da negociação e do estabelecimento de normas de modo mais ou menos formal, inconsciente ou consciente, com vista a definir uma estrutura base das interacções conjugais que integre o conjunto de normas, e padrões das famílias de origens e as expectativas e valores de cada um. Assim, a realização do conjunto de rotinas e funções diárias, por parte do casal, para o desenvolvimento do sentimento de pertença será articulado à definição e negociação dos papéis e estatutos dos elementos, tomada de decisão, ajustamento sexual, divisão do trabalho, o controlo das finanças familiares, entre outras dimensões.

Imber-Black (1995) aponta que, de acordo com a cultura, os eventos e transições normativas do ciclo de vital da família como o casamento, nascimento e a morte são assinalados por rituais de passagem. Para este autor o ritual de casamento tem um impacto significativo na estrutura conjugal, bem como nas famílias que se uniram,

podendo funcionar como um ritual terapêutico que contribui significativamente o apaziguamento conjugal nos momentos de crise e de elevadas mudanças. Na cultura *bantu* a endoculturação surge como mecanismo social de controlo para preservar as tradições culturais, os papéis sexuais e a estabilidade da comunidade. É aceitável a valorização dos rituais de casamento como forma de inclusão na vida adulta (Silva & Carvalho, 2009).

Na abordagem dos outros factores centrípetos destacaremos a comunicação, a percepção, o amor e o compromisso para a compreensão da temática proposta.

A comunicação pode ser entendida como um dos ingredientes comportamentais para a para a consolidação da intimidade e do compromisso. Gameiro (1992) define a comunicação como moeda de troca do sistema enquanto elemento da interacção e aponta que quanto mais próxima e significativa for a relação maior será a repercussão dos efeitos pragmáticos da comunicação. Desta forma, quando surgem os conflitos o factor importante para a sua resolução é a metacomunicação, que consiste na descentração do conteúdo do assunto para se focar nos sentimentos que pretendem ser comunicados.

Vários estudos apontam que existem diferenças comunicacionais entre casais satisfeitos e casais insatisfeitos, em que os primeiros revelam maiores níveis de intimidade e de comunicação aberta e clara (Narciso & Ribeiro, 2009).

Outra dimensão dentro dos factores centrípetos corresponde aos processos cognitivos, dos quais podemos destacar é a percepção que, segundo Baucon e Epstein (1990), pode ser definida como a reparação e categorização significativas de todos os elementos informativos disponíveis numa situação. Dependendo da sua avaliação, positiva ou negativa, origina sentimentos de satisfação ou insatisfação, determinando a qualidade da relação e o investimento presente e futuro.

As autoras Narciso e Ribeiro (2009) destacam os processos afectivos e consideram o amor, a intimidade e o compromisso como elementos constituintes desta dimensão.

Chapman (1998) define o amor como o conjunto de sentimentos de aceitação incondicional, respeito e

admiração, independentemente, das características que o cônjuge apresenta. Nesta perspectiva o amor será uma atitude que orienta o indivíduo de forma consciente e emotiva, exigindo certa disciplina para o crescimento pessoal.

Este sentimento não é estático, experimenta mudanças ao longo do tempo, com contornos mais coloridos nalguns momentos e mais cinzentos noutros. O amor pode ser descrito como entrega de si, respeito pelo companheiro, compreensão e paixão.

A conjugalidade assenta a sua essência, não só na instituição do casal, mas sim nos sentimentos de partilha e intimidade e do desejo de estarem juntos. Torres (2000) alega que na sociedade contemporânea os sentimentos de amor são muito valorizados e intensificados na escolha do parceiro e nas decisões de início e/ou ruptura de uma relação.

O conceito de compromisso é essencial para a compreensão dos prazeres e sofrimentos de uma relação conjugal, consistindo na ideia de desejo de alguém manter uma proximidade e um envolvimento. Nas palavras de Giddens (1993) o compromisso, a história de vida partilhada, *os objectivos e as expectativas* devem proporcionar certa garantia de que a relação será mantida por um período indefinido, ou seja, segundo os princípios doutrinários religiosos, os indivíduos casam e permanecem na relação *até que a morte os separe*. Para Narciso e Ribeiro (2009), o compromisso e a intimidade são dois conceitos sobrepostos e associados ao amor.

A intimidade pode ser definida como um conjunto de processos afectivos, cognitivos, comportamentais dinâmicos e interligados, onde estão presentes os sentimentos de partilha, existe a auto-revelação, apoio, confiança, mutualidade, inter “in” dependência e sexualidade. Através destes parâmetros o casal se conhece, se apoia, se “re” constrói reciprocamente de modo a que ambos sejam inter “in” dependente.

Um dos pontos mais importantes da intimidade para a saúde emocional e física dos casais é o apoio emocional que envolve a compreensão, a valorização, o cuidado, a atenção e a preocupação com o outro.

Os **factores centrífugos** são todos aqueles periféricos em relação ao *holon* conjugal que podem ser

personais (características da personalidade, padrões de vinculação) demográficos e individuais (idade, género, habilitações literárias, etnia) e os contextuais (profissão, família de origem, rede social).

Num estudo desenvolvido por Leslie e Anderson (1988) e outro por Brunstein e Schultheiss (1996), verificou-se que quanto ao nível da satisfação os valores variam entre homens e mulheres. As mulheres empregadas revelavam maiores índices de *stress* e menor satisfação conjugal comparativamente com as mulheres que não estavam empregadas, já os homens revelavam índices directamente proporcionais quanto à satisfação conjugal e a satisfação profissional, ou seja, quanto maior a satisfação relacional maior a satisfação profissional.

Morris e Carter (1999) observaram que os indivíduos com maiores níveis académicos tendiam a exibir igualmente maiores níveis de satisfação conjugal. Este factor poderia ser explicado pelo fato de estes cônjuges estenderem a utilização das suas habilidades intelectuais e estratégicas para as suas relações, ou seja, além destes serem inteligentes intelectualmente, seriam também inteligentes emocionalmente.

Além da profissão e do nível académico, os papéis de homem e mulher têm, implicitamente, tarefas que competem a cada um, uma vez que é a própria sociedade que cria padrões para a gestão destas actividades. Assim, a construção da sexualidade é um percurso que na sociedade ocidental, devido aos crescentes movimentos apoiantes para a emancipação feminina e a busca da igualdade entre ambos os sexos, cruza com outros papéis que podíamos considerar naturais – mãe e mulher; pai-homem.

Estudos revelam que existem outras diferenças na percepção da conjugalidade em relação ao género. As mulheres tendem a apresentar maiores níveis de auto-revelação, sensibilidade, a sua expressão emocional estão mais orientadas para os afectos, privilegiando o diálogo na criação e manutenção da intimidade. Já os homens possuem maior orientação instrumental, maior controlo emocional e expressão das emoções através dos comportamentos (Narciso, 2001).

De forma geral, segundo Narciso (2001), os homens percebem mais positivamente a relação e

relatam mais vezes que se sentem felizes, enquanto as mulheres apresentam maiores sentimentos de arrependimento em relação à decisão do casamento, pensam mais vezes na ruptura e expressam mais irritação para com o parceiro. Um dado importante a considerar é que tanto os homens como as mulheres atribuem maior relevância e contribuição das variáveis do marido para a satisfação conjugal de ambos.

Designa-se ciclo vital ou ciclo evolutivo da família a sequência previsível de transformações na organização do casal, enquanto instituição social, em função da realização de tarefas bem definidas, que marcam as etapas dessa caminhada (Lourenço, 2006).

Dentro destas dinâmicas, Alarcão (2000) refere que existem três níveis fundamentais para a compreensão do subsistema conjugal:

- 1) A formação do casal é o processo que arquitectará a vida familiar, sendo compreensível o valor atribuído à clarificação das fronteiras entre o casal e os outros sistemas, à definição do modelo conjugal (articulação dos modelos individuais) e ao desenvolvimento de uma comunicação funcional;
- 2) O subsistema conjugal é o parceiro do par parental;
- 3) O casal/pais são os modelos para a construção do eu sexual, conjugal e romântico dos filhos.

Estas etapas impõem desafios específicos a cada uma das fases. As suas tarefas desenvolvimentais cruzam com os papéis dos progenitores/pais e do casal. Nesta perspectiva é importante para o casal dissociar os papéis de pais de papéis dos cônjuges. A não clarificação dos papéis impossibilita uma adequada organização da estrutura familiar, pois quando o casal se encontra no início do casamento começa a ter percepção da existência real do outro.

Estudos realizados para averiguar o nível de satisfação dos casais em função do número de filhos, apontam que os indivíduos com maior número de filhos revelam pior ajustamento ao parceiro do que os casais com menor número de filhos. Marques (2000) no seu estudo conclui que os cônjuges com mais de dois filhos apresentavam maiores indicadores de insatisfação conjugal. Lourenço (2006) no seu estudo empírico também constata que o número de filhos é um

factor importante para a vivência da conjugalidade, apontando que quanto maior for a fratria maiores serão as dificuldades de ajustamento à conjugalidade.

Objectivos

O objectivo geral que norteia a condução da presente investigação assenta nos pressupostos dos estudos exploratórios e pretende conhecer a percepção da conjugalidade dos sujeitos em função de dois contextos socioculturais. muito específicos.

Este é um estudo com duas vertentes importantes: por um lado explorar as questões problemáticas e recursos da conjugalidade para a realidade angolana e, por outro lado, trazer uma nova perspectiva ao estudo dos cônjuges portugueses.

Neste estudo procura-se perceber de que forma o funcionamento conjugal e o ajustamento mútuo variam nos cônjuges inseridos em contextos socioculturais diferentes (Angola e Portugal), e em função de variáveis sociodemográficas e conjugais.

Apontamos como objectivos específicos os seguintes: observar se existem diferenças na vivência da conjugalidade, considerando a etnia e o contexto social (angolanos e portugueses); definir o perfil sociodemográfico dos cônjuges angolanos e portugueses. Na figura 1 apresentamos o desenho do nosso modelo conceptual.

Amostra

A seleção da amostra seguiu os critérios da amostra aleatória simples. Cada sujeito tinha que estar a viver uma relação de casal (casado legalmente ou em união de facto), independentemente de ser pela primeira vez ou não, de nacionalidade angolana ou portuguesa, com ou sem filhos e de qualquer nível socioeconómico e nível académico, eliminando todos os casos que nos suscitaram dúvidas quanto à capacidade intelectual dos sujeitos.

A amostra portuguesa foi recolhida no âmbito de um projecto de investigação mais vasto, do Mestrado Integrado em Psicologia da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, da Universidade de Coimbra,

sobre a relação de casal na população portuguesa. Foi constituída uma base de dados geral da qual foram retidos os sujeitos com algumas características semelhantes (quanto ao sexo, habilitações literárias e idade), próximos da subamostra angolana.

As duas amostras foram recolhidas baseando-se nas redes sociais dos membros do grupo de investigação em Angola e em Portugal, numa dinâmica do *efeito da bola de neve*.

Foram inqueridos 300 cônjuges, dos quais 150 angolanos e 150 portugueses.

Quanto à amostra portuguesa 44% dos sujeitos são do sexo masculino e 56% são do sexo feminino. Uma percentagem de 37,3 dos sujeitos apresenta idades compreendidas entre 30-39 anos de idade, 45,9% com habilitações literárias ao ensino superior (45,9%) e a grande maioria trabalha por conta de outrem (81,2%).

Quanto à amostra angolana, 46,7% são sujeitos do sexo masculino e 53,3% do sexo feminino, 36,2% se encontram na faixa etária entre os 22 e 29 anos de idades, com habilitações literárias correspondentes ao Ensino Superior são 55,4% e, na sua maioria são trabalhadores por conta de outrem (79,9%).

Relativamente às características familiares e conjugais da amostra portuguesa, 68% dos sujeitos são casados e 32% vivem em união de facto, 88,5% estão a viver a sua primeira relação conjugal, 33,3% têm um filho com o cônjuge actual e encontram-se na etapa do ciclo vital do casal correspondentes à segunda e terceira etapas (4-10 anos e 11-19 anos) com 26,2% e 26,8% respectivamente.

Na amostra angolana: 54,7% são casados e os outros 45,3% vivem em união de facto, 81,3% vivem a sua primeira relação conjugal. Verifica-se que 35,6% têm dois filhos e se encontram na primeira etapa do ciclo vital do casal (36,5%).

Recorremos a este teste *t-student* e ao teste do *qui-quadrado* para averiguar a equivalência das duas subamostras nas diferentes variáveis e se observou que ambas são equivalentes quanto às variáveis sexo ($X^2 = 2,613; p=0,106$) e ciclo vital do casal ($t=0,820; p=0,413$). Para as restantes variáveis

estado civil ($X^2=15,413; p=0,000$); primeira relação ($X^2 = 145,181; p=0,000$); número de filhos ($X^2 = 188,074; p=0,000$); idade ($t=2,649; p=0,009$); situação profissional ($X^2 = 890,824; p=0,000$) e habilitações literárias ($t=4,728; p=0,000$) as duas subamostras não são equivalentes.

Instrumentos

O protocolo de investigação é composto por três instrumentos: Questionários de Dados Sociodemográficos e de Dados Complementares, Escala de Ajustamento Mútuo (EAM) e ENRICH (Enriquecimento e Desenvolvimento Conjugal, Comunicação e Felicidade).

Questionários de Dados Sociodemográficos e de Dados Complementares

O questionário de dados sociodemográfico e de dados complementares visa obter informações inerentes aos dados do sujeito e da sua família. O questionário permite situar temporalmente a aplicação do protocolo e foca duas áreas: pessoal do sujeito (sexo, idade, estado civil e o número de relações anteriores, área de residência, escolaridade, habilitações literárias, profissão, situação profissional e religião) e familiar (sexo e idade do cônjuge, número de filhos em comum, composição do agregado familiar e a presença de filhos de outras relações no agregado familiar actual).

Escala de Ajustamento Mútuo

Desenvolvida por Graham B. Spanier, em 1976, a *Dyadic Adjustment Scale* (DAS), é um instrumento de auto-resposta com forte utilidade interpretativa na caracterização de relações diádicas (Lourenço, 2006). A versão utilizada no presente estudo foi a versão adaptada e validada por Lourenço e Relvas, em 2003.

A escala avalia quatro dimensões do ajustamento conjugal: consenso mútuo, satisfação mútua, coesão mútua e expressão afectiva. É uma escala composta por trinta e dois itens, agrupados em quatro subescalas que correspondem às dimensões citadas anteriormente.

Trata-se de um instrumento de fácil aplicação, com um rigoroso grau de garantia e validade para aferir o ajustamento mútuo de cônjuges casados legalmente ou a viver em união de facto, muito utilizada em vários estudos. A obtenção de valores muito baixos nesta escala aponta a existência de um problema, ao passo que as pontuações altas indicam a ausência de problemas.

ENRICH - Enriquecimento e Desenvolvimento Conjugal, Comunicação e Felicidade

A versão original da ENRICH (*Enriching & Nurturing Relationship Issues, Communication & Happiness*) foi desenvolvida por David H. Olson, David G. Fournier e Joan M. Druckman, concluída em 1982, com o objectivo de descrever as dinâmicas conjugais.

Trata-se de um instrumento de auto-resposta, sendo, por isso, importante que seja preenchido individualmente sem a consulta do parceiro, numa escala de Likert com cinco alternativas de resposta (discordo fortemente, discordo moderadamente, não concordo nem discordo, concordo moderadamente, concordo fortemente) (Lourenço, 2006).

Composta por 109 itens, dividida em 12 dimensões, a ENRICH permite avaliar áreas problemáticas e recursos do casal em várias dimensões da relação: **aspectos da personalidade, comunicação, resolução de conflitos, família e amigos, actividades de lazer, gestão financeira, igualdade de papéis, filhos e casamento, relações sexuais, idealização, satisfação e orientação religiosa.**

Procedimentos Estatísticos

Com o objectivo de analisar a consistência interna dos dois instrumentos, EAM e ENRICH, recorremos ao alfa de Cronbach que avalia o grau de coerência e homogeneidade dos resultados ao longo do teste com valores entre 0 e 1. Pestana e Gageiro (2005) referem que os bons valores para a consistência interna são os superiores ou iguais a 0.80. No presente estudo e considerando as ideias dos autores citados, anteriormente, podemos afirmar que os instrumentos possuem bons valores para a consistência interna, uma vez que o *alpha de Cronbach* para a Escala de Ajustamento Mútuo é 0.907 e para a ENRICH é

de 0.940, sendo valores ligeiramente abaixo dos valores obtidos pelas autoras Relvas e Lourenço (2003). A média das respostas dos 32 itens para a Escala de Ajustamento Mútuo foi de 112,26 (desvio-padrão=17,807). Para a ENRICH a média de respostas aos 109 itens foi de 393,57 (desvio-padrão= 51,802).

Para a análise dos dados da presente investigação, tendo em conta os objectivos propostos, utilizou-se o programa SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences versão 17.0 for Windows*). Para a caracterização da amostra recorreu-se a análise descritiva das variáveis sociodemográficas e familiares/conjugais.

Com a vista a seleccionar as análises estatísticas a utilizar para testar modelo hipotético conceptual recorreu-se aos testes de normalidade e de homogeneidade da distribuição dos dados. Assim, para testar a normalidade da distribuição dos dados na variável dependente (ajustamento mútuo e satisfação conjugal) utilizámos o teste de Normalidade de Kolmogorov - Smirnov que permite verificar o grau de concordância entre a distribuição de um conjunto de valores e a distribuição teórica. Para testar a homogeneidade das variâncias das duas amostras utilizou-se o teste de Levene.

O teste de Kolmogorov - Smirnov revelou que quanto à EAM a maior parte dos factores não seguem a distribuição normal, pois em todas as escalas o valor de p é inferior a 0.005. No que diz respeito à ENRICH, o teste de Kolmogorov - Smirnov, a semelhança da EAM, revelou que a distribuição não é normal para nenhuma das subescalas.

Assim, como no nosso estudo o N é elevado, pois corresponde a trezentos sujeitos (150 + 150), cumprimos com o pressuposto da normalidade, segundo este teorema do limite central.

Relativamente aos testes de homogeneidade verificou-se que três factores são homogéneos, não sendo para as restantes subescalas. Para a ENRICH, os valores da homogeneidade cumpriram-se em sete subescalas.

Resultados

Segundo o teste de Kolmogorov - Smirnov para a análise da normalidade e o teste de Levene para o

cálculo da homogeneidade, observamos que as duas subamostras não seguem a distribuição normal em determinadas variáveis nem são homogéneas na maior parte das subescalas em ambos os instrumentos.

Contudo, Melo e colaboradores (como citados em Pestana e Gageiro, 2005), apontam que a normalidade não é restritiva para a aplicação da ANOVA, quando o número de elementos em cada grupo é relativamente superior. Desta forma, para a análise das diferenças entre grupos para os factores das subescalas que são homogéneas utilizámos um teste paramétrico, especificamente a ANCOVA e para os que não são homogéneos recorremos aos testes não paramétricos, particularmente o teste de Mann Whitney.

De acordo os valores relativos às diferenças entre os dois grupos, podemos observar que quanto à EAM, os valores são estatisticamente significativos em três subescalas com valores inferiores a $p=0,05$ (*Ajustamento Mútuo; Satisfação Mútua e Expressão Afetiva*), enquanto as outras duas subescalas não apresentam diferenças estatisticamente significativas (*Consenso Mútuo e Coesão Mútua*).

Relativamente à ENRICH os dados apontam que as diferenças entre as duas subamostras são altamente significativas em quase todas as subescalas, com excepção da dimensão *filhos e casamento* ($F=0,458; p=0,499$).

De acordo com as médias e os desvio-padrão de ambas as amostras podemos observar que quanto à EAM, o ajustamento mútuo global apresenta uma diferença altamente significativa $p = 0,000$ e as médias se assumem maiores para a amostra portuguesa (AP: $M_{ajustamento\ mútuo} = 169,14$; AA: $M_{ajustamento\ mútuo} = 130,13$). Na subescala satisfação mútua verifica-se que a subamostra portuguesa apresenta a média superior à subamostra angolana (AP: $M_{satisfação\ mútua} = 39,306$; DP= 0,594; AA: $M_{satisfação\ mútua} = 33,527$; DP = 0,607). Relativamente aos factores *Coesão Mútua, Expressão afectiva e Consenso Mútuo* as médias são iguais em ambos grupos não se observando diferenças estatisticamente significativas.

Para a ENRICH verificou-se nos factores em que foi utilizada a ANCOVA e o teste *U de Mann Whitney*, que as médias em 11 factores são diferentes entre ambos grupos, sendo estas maiores no grupo português com

excepção da dimensão orientação religiosa em que a média é superior no grupo angolano. Na dimensão filhos e casamento as médias entre os grupos são iguais.

No sentido de prever a percepção da conjugalidade em função de um conjunto de variáveis independentes ou preditoras, optámos pelo modelo estatístico da regressão linear múltipla (MLM). Maroco (2010) afirma que na relação linear múltipla o coeficiente de regressão para determinada variável independente é obtido depois de considerar o efeito das outras variáveis independentes sobre a variável dependente. Desta forma, as correlações bivariadas (duas a duas), num problema de regressão linear múltipla, podem não ser válidas e a sua interpretação deve ser feita com sérias precauções.

Podemos afirmar que 32,3 % da variabilidade total do *ajustamento mútuo* (escala global) é explicada por variáveis independentes, presentes no modelo da regressão linear múltipla usada. Verificamos que na análise da ANOVA se obteve um valor de $F= 3,564$, associado a um $p-value= 0,000$ (altamente significativo), o que permite concluir que é possível prever o resultado global da EAM a partir das variáveis consideradas.

Para perceber se todas as variáveis independentes contribuem de igual modo, e de forma estatisticamente significativa, na predição do ajustamento mútuo, procedemos à comparação dos coeficientes de regressão estandardizados e respetivos valores de significância, que indicou apenas a variável referente ao facto de estar a viver a primeira relação conjugal ou não ($\alpha = 0.05$) afecta significativamente o ajustamento mútuo.

A análise gráfica dos resíduos permite constatar que os resultados se dispõem mais ou menos na diagonal principal, o que indica a não violação do pressuposto da normalidade (Marôco, 2010). No que toca a multicolinearidade, verifica-se que as variáveis preditoras são linearmente independentes, isto é, não se verifica a multicolinearidade, uma vez que os valores de *tolerância* são superiores a 0,1 (valor limite abaixo do qual há multicolinearidade) e os valores de *VIF (Variance Inflation Factor)* são inferiores a 10 (valor limite acima do qual há multicolinearidade) (Marôco, 2010).

De facto a ausência de uma relação linear entre o *ajustamento mútuo* e a *vivência da primeira relação*

conjugal ou não (corroborada pela inexistência de inclinação da reta ajustada – reta horizontal) invalida a conclusão a que se chegaria, isto é, de que o facto de que quanto mais relações conjugais anteriores os sujeitos apresentarem menor seria o ajustamento mútuo, conforme a percepção de cada cônjuges.

Segundo os estudos da regressão linear múltipla para cada um dos fatores da EAM referidos, verificamos que para a variável dependente *satisfação mútua* ($F=38,731$; $p=0,000$) é possível prever os seus resultados a partir do modelo de regressão considerado. Deste modo, identificaram-se as variáveis *primeira relação conjugal* ($\beta= -0,224$; $p=0,000$) e *número de filhos em comum* ($\beta= -0,194$; $p=0,006$) como preditores significativos da *satisfação mútua*.

No mesmo sentido dos resultados obtidos para o *ajustamento mútuo* (escala global), constata-se que não existe linearidade entre as variáveis, por esta razão não serão discutidos os resultados encontrados para a variável *primeira relação de casal*.

Os resultados da regressão linear múltipla, considerando todos os fatores da ENRICH, uma vez que foram observados resultados estatísticos altamente significativos ($p=0,000$) revelaram que dentre as 12 subescalas as que variam em função das variáveis independentes consideradas, com valores superiores a 30% são: a comunicação (43,9%), gestão financeira (39,6%); família e amigos (31,4%); filhos e casamento (35,9%); igualdade de papéis (66,2%); orientação religiosa (33,2%); idealização (32,2%) e a satisfação (36,7%).

Discussão

Antes iniciarmos a reflexão acerca dos resultados obtidos na nossa amostra, importa realçar que o nosso estudo é exploratório, como tal, qualquer hipótese ou reflexão sugerida, constituem apenas possíveis leituras acerca dos resultados obtidos.

A autora Mónica McGoldrick (1982) define etnia como um sentimento de *commonality* transmitido ao longo das gerações, pela família e reforçado pela comunidade envolvente. O conceito de etnia vai mais além do que o conceito de raça, religião ou origem nacional e geográfica, pois envolve processos conscientes e inconscientes que preenchem uma profunda necessidade psicológica de identidade e continuidade

histórica. Nesta mesma linha a autora salienta ainda que a etnia pode ser descrita como a *condição de povo* de um grupo, baseada numa combinação de raça, religião e história cultural, independentemente de os membros perceberem aquilo que têm em comum uns com os outros. O fator étnico interage com o ciclo de vida familiar e conjugal em todos os estádios. Lourenço (2006) afirma que tanto as famílias como os casais são influenciados de forma e intensidade diferente em função da etnia a que pertencem. Esta ideia encontra explicação no nosso estudo uma vez que o grupo étnico influencia grande parte dos fatores da conjugalidade entre os dois grupos étnicos, designadamente, angolano e português.

Na Escala de *Ajustamento Mútuo*, das cinco subescalas, em três os resultados são significativamente mais elevadas para os cônjuges portugueses do que para os cônjuges angolanos. Esta diferença significativa com resultados superiores para os cônjuges portugueses se estende para as dimensões da ENRICH, com exceção da *orientação religiosa* em que os cônjuges angolanos apresentam *scores* superiores.

Estas diferenças poderão ser entendidas por um lado, pelas diferenças contextuais em que os dois grupos estão inseridos e as particularidades específicas de cada cultura na forma de perceberem a conjugalidade. Conforme vários estudos que afirmam, o factor *pobreza* surge como um grande instigador de dificuldades sociais e familiares (Relvas, 2003). Nesta ordem o autor Paulo Carvalho (2010) aponta que os 27 anos de guerra em Angola devem ser considerados na análise dos fenómenos sociais, pois este período propiciou o agravamento da pobreza, e devido a este fator o investimento no setor social tornou-se fraco, o índice de desenvolvimento humano passou a acusar valores bastante baixos devido à baixa esperança de vida, reduzida taxa bruta de escolarização e baixo acesso à assistência sanitária. Ceita (2001, como citado em Carvalho, 2010) indica que dois terços da população angolana vivia em situação de pobreza.

Em função destas características contextuais, estes resultados eram esperados. Apesar de em Portugal, atualmente as questões relacionadas com a pobreza também se colocarem, estas se prendem com os recursos monetários e não com os recursos básicos de sobrevivência.

Outra variável interessante neste estudo são as diferenças de idade entre os cônjuges angolanos e portugueses, onde os primeiros se localizam na faixa etária dos 22 aos 30 anos e os segundo na faixa etária dos 30 aos 40 anos. Com base neste achado é provável que os cônjuges portugueses apresentem maior e diferentes conhecimentos sobre as implicações pessoais, sociais e culturais que o casamento impõe, em função das experiências pessoais (partindo do princípio que quanto mais idade, maior conhecimento sobre esta dimensão).

Outro fator importante a considerar é a idade nupcial diferente entre os grupos, sendo que em Portugal a maior parte dos indivíduos entra para a vida conjugal mais tardiamente do que em Angola. Do ponto de vista cultural angolano, este fator é aceite e respeitado, mas é fundamental salientar que a cultura como um conjunto de atitudes, comportamentos e valores que constituem os laços que ligam os membros de um grupo étnico específico, no qual estes de forma inconsciente aceitam como verdadeiro os padrões estabelecidos, sem os questionarem (Jones & Chao, como citado em Lourenço, 2006), poderá oferecer uma panóplia interessante para Angola. As abordagens socio-culturais sobre os papéis conjugais e familiares, também encontram suporte na presente investigação, onde a mulher portuguesa apresenta um estatuto diferente da mulher angolana, especificamente na dimensão da emancipação dos direitos sociais da igualdade de género, corroborada pelos valores refletidos na subescala de ENRICH - *igualdade de papéis*, que revelam que a cultura influencia a definição dos papéis e tarefas que a mulher desempenha no lar e na família, sendo que os cônjuges angolanos apresentam os valores mais baixos que apontam para uma valorização elevada dos papéis e das áreas de responsabilidade tradicionais entre marido e mulher naquele contexto.

O Modelo de Regressão Linear Múltiplo revelou-se altamente significativo para as variáveis *ajustamento mútuo global*, *satisfação mútua*, *coesão mútua* e *expressão afetiva*, excepto para a dimensão *consenso mútuo* - EAM, bem como para as variáveis da ENRICH – *idealização*, *aspectos da personalidade*, *comunicação*,

resolução de conflitos, *família e amigos*, *filhos e casamento*, *igualdade de papéis*, *relações sexuais*, *orientação religiosa*, *gestão financeira*, *atividades de lazer e satisfação*.

A partir deste resultado podemos considerar que é possível prever, tanto para os fatores da EAM quanto para os fatores da ENRICH, a influência das variáveis predictoras consideradas. Analisaremos seguidamente a relevância de cada uma delas na explicação do fenómeno da conjugalidade.

Dentre as variáveis sociodemográficas selecionadas as que mais influenciam a conjugalidade são a idade e as habilitações literárias.

A idade é uma variável que apresentou um valor preditivo para a conjugalidade. Existem várias abordagens que tentam explicar o impacto da idade sobre a conjugalidade e apontam que existe outra que defende que a satisfação conjugal se desenvolve de acordo um padrão curvilíneo na medida que a idade aumenta.

As habilitações literárias assumem, neste estudo, um valor contarditório com a literatura, sendo inversamente proporcional aos valores positivos para as seguintes escalas: *aspectos da personalidade*, *gestão financeira*, *atividades de lazer*, *relações sexuais*, *igualdade de papéis*. Assim, os indivíduos com habilitações literárias superiores são mais críticos na percepção dos aspectos da personalidade do cônjuge, apresentam maiores dificuldades na gestão financeira, têm menos actividades de lazer em conjunto, maiores dificuldades na negociação das relações sexuais e apresentam maior rigidez na discriminação dos papéis a desempenhar dentro do casal.

Tendo como objectivo perceber a influência das variáveis conjugais sobre a conjugalidade constatamos que a variável mais relevante corresponde a *viver a primeira relação conjugal*.

O facto de viver a primeira relação conjugal ou não, na presente investigação, evidencia uma elevada significância para a relação conjugal, sendo que os cônjuges com mais relações conjugais antes da atual revelam *scores* mais baixos que os cônjuges que vivenciam a primeira relação, nas seguintes escalas *satisfação global*, *idealização*, *relações*

sexuais, atividade de lazer, comunicação, aspetos da personalidade, expressão afetiva, satisfação mútua, coesão mútua. Estes resultados podem ser entendidos pelo facto destes cônjuges já apresentarem uma experiência prévia de relação de casal, o que de certo modo permite que estes idealizem menos sobre a atual relação, influenciando a percepção dos comportamentos negativos do cônjuge. Faz sentido

que estes cônjuges se tornem mais rígidos na forma como comunicam sentimentos negativos, sejam mais inflexíveis na maneira como gerem os momentos de lazer, as relações sexuais e a natalidade. Deste modo a relação parece estar submetida a uma cascata de eventos negativos que se retroalimentam, corroborando os mais baixos níveis de satisfação conjugal e coesão mútua.

Conclusões

O objectivo que orientou a presente investigação foi o estudo da percepção do funcionamento conjugal e ajustamento mútuo de cônjuges angolanos e portugueses.

No que toca às variáveis sociodemográficas selecionadas para o estudo – sexo, idade, habilitações literárias e situação profissional – verifica-se que estas têm um impacto na conjugalidade em ambas amostras. Estes resultados são consonantes com os estudos que sublinham a importância atribuída a estas variáveis considerando o contexto sociocultural. A variável habilitações literárias mostrou ser a variável mais preditiva para o funcionamento. Quanto à variável sexo, e conforme estudos encontrados as mulheres manifestam menores níveis de satisfação.

Desta forma podemos entender que estas variáveis apresentam efeitos protectores ou de risco para a conjugalidade, dando relevo aos contextos socioculturais em que os cônjuges estão inseridos.

O papel das diferenças contextuais tem despertado no seio científico muito interesse. Um dos pontos que consideramos importantes, em função dos resultados obtidos, é o facto de *ser cônjuge português* e residente neste contexto parece-nos favorável quanto à avaliação da relação de casal. Neste sentido seria curioso tentar perceber se os cônjuges portugueses inseridos no contexto angolano e os cônjuges angolanos inseridos no contexto português apresentariam resultados

diferentes aos obtidos no nosso estudo, como consequência do seu grupo étnico e/ou devido às condições contextuais externas à dimensão do casal.

Neste sentido os primeiros passos foram dados com a realização da presente investigação abrindo portas para os novos desafios que se colocam. O estudo aprofundado de áreas mais específicas em função das problemáticas angolanas, como a *infidelidade conjugal* e a *poligâmia* (como uma forma de casamento legalmente sancionada em Angola) e o seu impacto na qualidade conjugal, seria uma temática interessante a estudar, uma vez que os dados recolhidos apontam para que uma parte dos cônjuges masculinos que constituíram a subamostra relataram a existência de filhos de outras relações enquanto viviam a presente relação, e cônjuges femininos que relatam que os companheiros têm filhos de outras relações, com idades inferiores aos filhos em comum, o que nos leva a pensar que se verifica casos de infidelidade ou adultério que desembocaram na procriação fora do casamento, sendo também um dos fatores que poderia explicar os baixos níveis de satisfação conjugal naquela amostra (Marques, 2000).

Para finalizar, acreditamos fortemente, ter dado um passo importante para o início do estudo com casais angolanos e oferecido novas perspetivas para os cônjuges portugueses, em nome da Psicologia, particularmente na área do Modelo Sistémico.

Bibliografia

Alarcão, M. (2000). *(Des) Equilíbrios familiares: Uma visão sistémica*. Coimbra: Quarteto.

Baucon, D.H & Epstein, N. (1990). *Cognitive Behavioral Marital Therapy*. Nova York: Brunner/Mazel.

Brunstein, J.C., Dangelmayer, G., & Schultheiss, O.C. (1996). Personal goals and social support in close relationships: Effects on relationship mood and marital satisfaction. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71(5), 1006-1019.

Carter, B. & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a Terapia Familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Chapman, G. (1998). *As cinco linguagens do amor*. São Paulo: Editora Mundo cristão.

Churchil, S.L., & Stoneman, Z. (2004). Correlates of family routines in Head Start Families. *Early Childhood Research and Practice*, 6 (1).

Caillé, P. (2001). Le destin des couples: Avatars et métamorphoses de la passion (versão electrónica). *Thérapie Familiale*, (22): 361-369.

Gameiro, J. (1992). *Voando sobre a Psiquiatria*. Porto: Edições Afrontamento.

Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP, 1993.c

Imber-Black, E. (1995). Transições idiossincráticas do ciclo de vida e rituais terapêuticos. In Carter, B & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças do ciclo de vida familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Leslie, L. A & Anderson, E. A. (1988). Men and women participation in domestic roles: Impact on quality of life and marital adjustment. *Journal of Family Psychology*, 2(2), 212-226.

Lourenço, M. (2006). *Casal: Conjugalidade e Ciclo Evolutivo*. Tese de Doutoramento. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Portugal.

Marôco, J. (2010). *Análise de equações estruturais: Fundamentos Teóricos, software e aplicações*. Pêro Pinheiro: Report Number editora.

McGoldrick, M. (1982). Normal Families: An ethnic perspective. In F. Walsh. *Normal family processes*. Nova York: Guilford, pp. 399-425.

Marques, E. (2000). *Amor e Qualidade de Vida Conjugal em Estudantes do Ensino Superior*. Dissertação de Mestrado. Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra, Portugal.

Morris, M.T & Carter, S. A. (1999). Transition to marriage: a literature review. *Journal of Family and Consumer Science Education*, 17 (1), 1-21.

Narciso, I. (2001). *Conjugalidades Satisfeitas mas Não Perfeitas - À Procura do Padrão que Liga*. Tese de Doutoramento. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, Portugal.

Narciso, I., & Ribeiro, M. T (2009). *Olhares sobre a Conjugalidade*. Lisboa: Coisas de Ler.

Pacheco, A.M. (2008). *Olhando a satisfação: um estudo exploratório em casais portugueses*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, Portugal.

Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2005). *Análise de dados para Ciências Sociais: A complementariedade do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.

Relvas, A.P. (1996). *O Ciclo Vital da Família*. Porto. Edições Afrontamento.

Relvas, A. (2003). *O Ciclo Vital da Família: Perspectiva Sistémica*. Porto. Edições: Afrontamento.

Showers, C.J. & Kevlyn, S. B. 1999. Organization of knowledge about a relationship partner: Implications for liking and loving. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76, pp. 958-971.

Silva, A. E., & Carvalho, M. J. (2009). A educação em Angola e as (des) igualdades de género: quando a tradição cultural é um factor de exclusão. *Actas do X congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia, Universidade do Minho, Braga, pp.2401- 2416*.

Torres, A. (2000). *Sociologia da família e do casamento*. Lisboa: Celta.